

Concepções de tradução e o papel do tradutor em *blogs* e redes sociais

Érica Lima

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil
ericalima@unicamp.iel.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i2.821>

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar algumas implicações trazidas pelo crescente uso das comunicações mediadas por computador para o tradutor em formação e o tradutor iniciante. Para tanto, recorreu-se a manifestações no espaço social cibernético, considerando o “acolhimento da alteridade”, a interconexão, a construção de “identidades” de cada comunidade virtual, com suas regras, recursos e trocas de informações. Os *posts* foram analisados, de um lado, como explicitação das concepções de tradução e, de outro, como instrumentos de “marketing pessoal”. O artigo está fundamentado em Aubert (2003), Darin (2013), Gonçalves e Machado (2006), Martins (2006), Pym (2009), Rodrigues (2012), principalmente na discussão sobre a formação do tradutor, e em Arrojo (1993), Derrida (1997, 1998, 2000) e Siscar (2013), especialmente em relação às concepções de tradução defendidas.

Palavras-chave: formação de tradutores; ciberespaço; concepções de tradução

Translation Concepts and the Role of Translators in Blogs and Social Networks

Abstract

This paper analyzes some of the implications brought by the growing use of computer-mediated communications for translators in training and novice translators. For this reason, examples in social media were studied, considering the “reception of otherness”, the interconnection and construction of “identities” of each virtual community, with its rules, resources, and exchanges of information. The posts were analyzed first as specific translation concepts and later as instruments of “personal marketing”. This essay is based on Aubert (2003), Darin (2013), Gonçalves & Machado (2006), Martins (2006), Pym (2009), and Rodrigues (2012), principally concerning the discussion about translators’ training, as well as in Arrojo (1993), Derrida (1997, 1998, 2000), and Siscar (2013), particularly in relation to translation concepts.

Keywords: translators’ training; cyberspace; translation concepts.

Contextualização

Dis-moi ce que tu penses de la traduction, je te dirais qui tu es.

(HEIDEGGER *apud* DERRIDA, 1987, p.17)

Este trabalho é a continuação de uma pesquisa iniciada em 2011, quando o teor de algumas postagens em grupos e *blogs* de tradutores despertou a minha atenção. Em

sua maioria, os comentários diziam respeito à (falta de) formação acadêmica do tradutor e sugestões para iniciantes sobre as “competências” necessárias à profissão. Observei, na ocasião, que o ciberespaço aparece como um lugar em que o tradutor pode se posicionar a respeito de seu ofício e interagir com o outro de maneira a criar uma imagem profissional e pessoal, ou, nas palavras de Lévy, o ciberespaço pode ser descrito como “prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária [...] no qual cada ser humano pode contribuir”. (LÉVY, 1999, p.126). A ideia de comunicação interativa surge principalmente nos grupos em redes sociais, que acabam por formar o que Lévy chama de comunidade virtual, “construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (LÉVY, 1999, p. 127).

Considerando esses novos espaços de interação, pude notar um outro papel do tradutor profissional: aquele que não só troca informações, mas reconstrói significados, rearticula ideias e (com)partilha sentidos com usuários da rede. Os *blogs* e grupos sociais funcionam, portanto, como instrumento de *marketing*, tanto do saber linguístico e cultural (nas sugestões terminológicas, por exemplo), quanto do saber do mercado e da profissão (nas sugestões sobre cursos, nas dicas de como agir no mercado etc.). Assim, esse tradutor mais visível passa a ter o poder de “instruir” os tradutores iniciantes ou futuros tradutores.

Ainda no trabalho citado (LIMA, 2011), examinei o papel dos *blogs* para uma maior visibilidade do tradutor, especialmente do tradutor técnico. Naquele momento, constatei que seria interessante iniciar uma discussão sobre a influência do que é publicado nos *blogs* para o tradutor iniciante ou em formação, além de ser uma reflexão válida para “diminuir a distância entre o que se aborda nos bancos universitários e o que se espera no mercado de trabalho” (LIMA, 2011, p.91). Ainda com tal discussão em mente, o objetivo deste trabalho é analisar algumas implicações trazidas pelo crescente uso das comunicações mediadas por computador, especialmente por publicações feitas em *blogs* e redes sociais. Para tanto, foram selecionadas três postagens, considerando a construção de “identidades” de cada comunidade virtual, com suas regras, recursos e trocas de informações.

Dessa forma, o *corpus* principal deste artigo são publicações ocorridas em maio de 2015 em <www.tradutorprofissional.com>, e em junho de 2015 no grupo do <www.facebook.com> denominado Tradutores / Intérpretes. A escolha dos dois deve-se especialmente ao número de acessos: no caso do *blog*, ultrapassou trezentos mil em 2010, segundo informações do *sitemeter*¹; no caso do grupo, ultrapassou 9 mil membros em junho de 2015. O *blog* é um dos pioneiros em tradução no Brasil e apresenta atualização constante, uma característica primordial para seu sucesso. Apenas os responsáveis pelo *blog* podem publicar, mas qualquer pessoa pode fazer comentários às publicações. Diferentemente, o grupo é aberto à publicação de qualquer um dos membros aceitos (é preciso solicitar para entrar no grupo) e há pessoas que se voluntariam como “moderadoras ou administradoras”, as quais determinam as regras para comentários e postagens. A descrição do grupo aqui abordado, resumidamente, diz que o objetivo é discutir sobre terminologia, CAT *tools*, técnicas tradutórias, divulgar

¹ Segundo o responsável pelo *blog*, a contagem foi suprimida para dar maior enfoque à qualidade e não à quantidade de acessos. Ainda de acordo com mensagens trocadas com o tradutor em setembro de 2015, a estatística deverá ser retomada em breve.

ofertas de trabalho e ampliar a rede de contatos de estudantes e profissionais da área de tradução e interpretação. Não são permitidos debates sobre política e religião ou postagens em *caps lock* (pois, como é sabido, a escrita em maiúscula nas interações é vista como grito).

Os *posts* selecionados foram examinados, de um lado, como explicitação das concepções de tradução e, de outro, como instrumentos de publicidade pessoal (uma maneira de o tradutor “mostrar” que não só traduz, mas também sabe falar sobre tradução). Foram usadas apenas três postagens e algumas respostas respectivas a elas, consideradas ilustrativas de assuntos recorrentes nos dois meios virtuais, tais como a questão das competências exigidas para adentrar no mercado de trabalho e a necessidade – ou não – de o profissional ser formado em tradução (seja no nível de graduação ou de pós).

A análise apresentada decorre de concepções de tradução construídas ao longo de anos de leituras, tanto de autores específicos da área quanto de outras esferas de estudo, ligados, de uma forma ou de outra, à tradução. Assim, o que lemos nos *posts* está sempre relacionado com o que acreditamos que seja tradução e do que consideramos necessário para a boa formação do tradutor. Nesse sentido, concordamos com Martins (2006, p. 27), quando afirma:

O principal objetivo de um curso de formação de tradutores, não importa o nível, sempre foi levar o aprendiz a adquirir competência tradutória e a integrar-se com sucesso à comunidade de profissionais da área, o que implica conhecer as normas e convenções que regem o comportamento dos membros dessa comunidade ao interagir tanto internamente quanto com outras comunidades às quais prestam seus serviços.

Segundo Rodrigues (2012), embora algumas tentativas tenham sido feitas desde o final da década de 1990, pode-se afirmar que há poucas pesquisas dedicadas ao ensino da tradução, opinião compartilhada por Martins (2006) e Darin (2013). Considerando a abertura de diversos cursos de graduação e pós-graduação nos últimos anos, seria esperado que houvesse mais estudos sobre a formação de tradutores, o que aparentemente não corresponde à realidade. Há, ainda, poucas publicações sobre o assunto, especialmente em relação à prática tradutória atrelada às teorias. Falta, também, uma discussão mais abrangente das diretrizes curriculares, que leve em conta o caráter multidisciplinar do curso e a inerente internacionalização da profissão.

A própria percepção do senso comum sobre o que seja traduzir e o papel que cabe ao tradutor precisa ser questionada e revista. A ideia de que a tradução é uma atividade prática, que depende predominantemente do conhecimento de línguas ainda é bastante difundida. Os cursos – sejam de graduação ou pós (*lato e stricto sensu*) – têm também a responsabilidade de ampliar a ideia de tradução, mostrando-a como uma ação com objetivos, causas e consequências e como resultado dessa ação (produto), envolvendo valores culturais, ideológicos, políticos, financeiros.

Ao ingressar em uma graduação, o aluno terá a oportunidade de refletir sobre tais questões, sobre sua responsabilidade ética ao traduzir o texto, ou seja, a responsabilidade por uma leitura com tudo o que ela envolve (subjetividade, conhecimento de mundo, inferências, intertextualidade, ideologia etc.).

A formação na área influencia não só o desempenho do tradutor iniciante, mas todas as percepções que tem sobre o que é uma boa tradução, o papel do profissional

tradutor, a maneira como ele vê a profissão, o valor dado ao embasamento teórico, o discernimento sobre as várias subdivisões inerentes à área e suas especificidades, enfim, o conhecimento trazido por uma graduação pode gerar uma maior conscientização do tradutor recém-formado e aumentar suas chances de sucesso na profissão.

Não basta saber fazer pesquisa, consultas ou mesmo saber as línguas envolvidas e conseguir se expressar bem nessas línguas. É preciso ter consciência do papel autoral que exerce, perceber quando e como interferir eticamente, considerando o público, a finalidade, a época da tradução e, principalmente, saber que sua ideologia e sua subjetividade estarão em seu texto. Quanto maior é a responsabilidade autoral, maior é o cuidado com o texto e todo o processo de interlocução. A própria concepção de tradução passa por reflexões durante toda a formação do aluno. Como “definir” tradução? Como delimitar as “fronteiras” entre tradução, adaptação e interpretação? Ou como “definir” tradução integral ou parcial; direta ou indireta; literal ou oblíqua? Ou, ainda, tradução inversa, retradução, paratradução, pseudotradução, autotradução? Com a pluralidade de nomes, temos a pluralidade de sentidos. Todas essas “definições” dependem, basicamente, de concepções teóricas do que cada um desses termos pode designar. Como afirma Barbosa (2003, p. 59),

A teoria é importante na formação do tradutor, porque lhe confere um poder de reflexão sobre sua vida profissional. Dá-lhe segurança nas tomadas de decisão e nos posicionamentos profissionais que toma. Ao mesmo tempo, a teoria ajuda o tradutor a encontrar seu lugar no mundo, na história.

Embora a discussão sobre a importância da teoria na formação do tradutor não seja o enfoque deste trabalho, faz-se necessário abordar o assunto para que se compreenda a escolha de postagens aqui analisadas. Elas representam um lugar-comum entre comentários feitos nas redes sociais, especialmente em relação ao questionamento da necessidade de formação na área. É primordial que o aspirante a tradutor entenda que sua profissionalização não se limita ao domínio linguístico de duas ou mais línguas. Também é preciso uma fundamentação teórica, que estará sempre norteando seu trabalho – mesmo que ele acredite que não. Como defende Schäffner (2000, p. 155 *apud* GONÇALVES; MACHADO, 2006, p.60), “se eles [os alunos] aprenderem explicitamente, desde o início de sua formação, o que é tradução e o que compõe a competência tradutória, esse conhecimento os ajudará a tomar decisões fundamentadas na produção dos textos-alvo”.

Auxiliará, ainda, no desempenho da profissão, entender que a tradução é transdisciplinar e, como tal, envolve “alianças” com linguística (estudos descritivos, *corpus*, sociolinguística etc.), análise do discurso, lexicologia, antropologia, estudos interculturais, psicanálise, filosofia, teoria da literatura, historiografia, ou, como tão bem defende Berman, a tradução é “uma dimensão *sui generis*. E produtora de um certo saber” (2002, p.321). Tal opinião é corroborada por Aubert, na introdução a “Conversas com Tradutores”, quando afirma que, como ato de linguagem, a tradução “envolve e se institui, simultaneamente, em múltiplas dimensões linguísticas, discursivas, estéticas, antropológicas, políticas, ideológicas, históricas, econômicas, psicossociais e assim por diante” (AUBERT, 2003, p.15). Também é em Aubert (2003, p.15) que vemos a afirmação de que “se resta à teoria o desafio da derivação explícita para a prática, resta

igualmente claro que a verdadeira prática não se faz sem o fio condutor de uma teorização multifacetada”.

É a fundamentação teórica que nos possibilita um olhar crítico e uma reflexão ética sobre o texto traduzido, oferecendo-nos subsídios para justificar cada decisão tomada e compreendendo a tradução como contra-assinatura. Como diz Derrida (1998, p.262-263, minha tradução),

Apesar de tudo, parece-me, a tradução deve se esforçar para ser o mais fiel possível, não por cuidado da exatidão calculável, mas porque ela nos chama à lei do outro texto, à sua injunção, à sua assinatura, a esse outro acontecimento na medida em que ele já teve lugar antes de nós, e ao qual devemos responder como herdeiros. Ele está lá, e a traduzir, antes de nós, diante de nós: heterônimo que faz com que eu aceite a lei do outro, não lhe obedecendo passivamente, mas contra-assinando-a, inventando uma assinatura que, na minha língua, numa situação totalmente diferente, numa língua incomensurável, se alie muito estranhamente ao outro e subscreva a lei do outro”.

A ideia da contra-assinatura é primordial para compreendermos a responsabilidade do tradutor na autoria da tradução: ele deve assiná-la, responder por ela, subscrevê-la. Assim, a tradução só pode ser transformação, como enfoca Arrojo (1993, p.128): “uma intervenção inevitável que não pode deixar intocado nenhum de seus participantes: nem o original, nem o tradutor, nem o autor, nem as línguas envolvidas”. Nesse sentido, o texto traduzido só poderá ser outro, diferente do texto de partida, o que nos leva ainda mais a considerar a singularidade de cada texto, respondendo à dívida instituída pelo processo tradutório, ou, simplesmente, buscando a tradução mais “relevante”:

Uma tradução relevante seria, portanto, simplesmente, uma ‘boa’ tradução, uma tradução que faz tudo o que dela se espera, uma versão, em suma, que cumpre sua missão, honra sua dívida e faz seu trabalho, ou seu dever, inscrevendo na língua de chegada o equivalente mais ‘*relevant*’ de um original, a linguagem a *mais* precisa, apropriada, pertinente, adequada, oportuna, penetrante, unívoca, idiomática etc. (DERRIDA, 2000, p.17).

O que os tradutores têm a dizer sobre a tradução no nosso tempo, ou a associação entre o que eles postam e o momento histórico e o imaginário coletivo dos quais fazem parte, pode nos levar a um melhor entendimento da área, seja em relação a concepções teóricas e éticas que determinam o trabalho do tradutor, seja em relação ao próprio mercado de trabalho.

Análise das postagens

A tradução não é uma simples mediação: é um processo no qual entra em jogo toda nossa relação com o Outro (BERMAN, 2002, p.322).

Nas postagens analisadas é possível “ler”, no não dito, o que os tradutores pensam e o que defendem em relação à profissão. Para uma pequena amostragem,

foram feitas duas buscas principais no *blog* Tradutor Profissional (a partir daqui TP) e no grupo Tradutores / Intérpretes na rede social (doravante TI)²: a primeira com a palavra “tradução” e a segunda com a palavra “formação”, com o objetivo de separar o que os tradutores falam sobre a profissão (e não de levantar dificuldades ou sugestões linguísticas para tradução de algumas palavras ou expressões). Foi preciso acrescentar a palavra “formação” exatamente porque muitas postagens com a *tag* “tradução” tratavam de dificuldades tradutórias.

Percebe-se, nas três postagens escolhidas, que há um “acolhimento da alteridade”, entendido como aceitação da diferença e, ao mesmo tempo, uma “hospitalidade”, no sentido usado por Derrida (1997). A primeira mensagem apareceu no *blog* Tradutor Profissional em 22 de maio de 2015:

Escreve a E.:

Olá, Danilo, tudo bem? Eu participo do grupo de tradutores e interpretes há mais de dois anos, nunca participei muito do grupo, mas sempre fiquei de olho no que estava acontecendo. Sou formada em tradução e vim atrás de algumas dicas. Não sei se por eu ser muito nova, apesar de ter muita experiência em tradução, não estou conseguindo achar trabalho na área. Estou até ficando triste, me mudei para SP atrás de emprego na área, mas até agora nada. Ontem eu recebi uma proposta, R\$ 0,04 por palavra, recusei porque acho que meu trabalho vale mais que isso e acabei ficando mais chateada ainda. Você parece gostar do que faz e por isso vim pedir ajuda, uma palavrinha de animação que seja ou alguma dica. Obrigada pela atenção.

Podemos começar a leitura do pedido de ajuda pelos pontos positivos da auto-apresentação da tradutora: formada, nova, consciente da importância do seu trabalho. O maior ponto negativo: está ficando triste, chateada e desanimada. Ela justifica a procura de conselhos do tradutor profissional dizendo que ele “parece gostar do que faz”, o que, a princípio, poderia ser considerado *um* motivo, mas não *o* motivo. Chama a atenção, também, o fato de a tradutora ser formada, ter “muita experiência em tradução”, mas aparentemente não ter conhecimento do mercado ou de como ingressar nele. O comentário mais sintomático é a mudança de cidade. Pessoas que estão na área ou são formadas há pouco tempo, que participam ativamente ou não de redes sociais, sabem que são poucos os tradutores com carteira assinada e trabalho *in house*.³ Além disso, o motivo do contato é “uma palavrinha de animação ou alguma dica”, ou seja, o tradutor renomado, antigo de profissão, que “gosta do que faz”, supostamente teria o “caminho” para que a iniciante possa ingressar no mercado. Um dos pontos enfocados diz respeito à baixa remuneração, causa da recusa da proposta recebida no dia anterior ao da mensagem. Embora deixe claro que faz parte do grupo T/I, a tradutora escolhe mandar a mensagem para o *blog*, o que indica uma legitimação do tradutor profissional (nome do próprio *blog*) e talvez uma preferência por um diálogo, em contraste com a

² Mais informações sobre o *blog* podem ser encontradas em Lima (2011). Maiores detalhes sobre o funcionamento do grupo T/I serão abordados em estudo futuro.

³ De acordo com pesquisa da Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (Abrates), de setembro de 2015, divulgada em vários grupos de redes sociais, há 11% de tradutores com carteira assinada e 3% sem carteira assinada, em contraponto com 86% de tradutores autônomos ou *freelancers* (pesquisa realizada durante o congresso da Abrates e em comunidades do Facebook com 919 tradutores). Fonte: <<http://pt.slideshare.net/Abrates/o-perfil-profissional-dos-tradutores-e-interpretres-no-brasil-abrates-2015>>

possibilidade de interagir ou de se expor a todas as pessoas que porventura quisessem responder ao *post*, como aconteceria no T/I. Parte da resposta para E:

Recebo mensagens destas às dúzias. São muito frustrantes, porque difíceis de responder. Difíceis, porque não há um caminho garantido para o sucesso, algo que eu possa dizer em dez linhas. [...] O iniciante tem que bater em mil portas, para que uma se abra e, quando essa uma se abrir, tem que por o pé para que não se feche de novo. [...] Fazer contato com todas as agências e editoras, fazer todos os testes que aparecem, aparecer em todos os congressos e encontros que houver, participar dos grupos do Facebook (você deve ter alguma contribuição a fazer, certamente – faça e apareça: ficar escondidinha não resolve nada). Estude. Estude feito uma doida. A faculdade é o primeiro passo, só o primeiro, e não te ensina mil coisas que você tem que saber para começar. Você sabe usar ferramentas de tradução assistida por computador? Sabe como usar MemoQ, Studio, Wordfast, essas coisas? Baixe um demo e aprenda a usar. A maioria dos serviços, atualmente, vai para quem sabe usar uma dessas ferramentas. Tradução, atualmente, é uma profissão globalizada. Não há razão para procurar viver em São Paulo para conseguir serviço. Você pode morar onde quiser (e onde gostar). Onde houver uma conexão razoável com a Internet, pode morar um tradutor bem-sucedido. [...] E não desista. Quem desiste, sempre perde.

Fonte: www.tradutorprofissional.com. Acesso em 02 jul. 2015

Observa-se, na resposta à mensagem recebida “às dúzias”, alguns pontos interessantes ao lado de certas obviedades. É difícil entrar no mercado de trabalho, não só para quem é tradutor, mas para qualquer profissional recém-formado. A faculdade “não te ensina mil coisas”, embora ensine mil outras... Ensina, por exemplo, as ferramentas de auxílio citadas na resposta.⁴ Mas, sem dúvida, a melhor sugestão vem ao final da resposta: “não desista”. Receber tal estímulo de alguém renomado é muito mais do que uma dica, é a legitimação que a tradutora procura, a confirmação de que está certa em continuar tentando “fazer parte” desse “grupo seleta” que certamente não recebe quatro centavos de real por palavra.

Pode-se notar, na resposta, alguns comentários provenientes de uma imagem proveniente do senso comum que define como funciona o mercado e do conhecimento de aspectos valorizados em determinadas áreas de atuação. Ao lado desses tópicos, aparece a necessidade de se tornar útil na rede, no incentivo para que contribua no grupo T/I. Observa-se que as dicas que E. recebe são principalmente relacionadas à visibilidade: em primeiro lugar, fazer contato e testes em agências e editoras, um caminho reconhecidamente mais seguro para o iniciante, que pode contar com revisão do seu trabalho, o que nem sempre ocorre em trabalhos *freelancers* (o que, de certa forma, é um pouco contraditório, já que ela afirma ter bastante experiência em tradução). Em segundo lugar, participar de congressos, encontros e redes sociais, que além de auxiliar no *networking* e no *marketing*, faz com que haja atualização e conhecimento do que está acontecendo na área, uma sugestão extremamente valiosa, uma vez que, em tempos digitais, o trabalho do tradutor passa por constantes transformações. Por fim, o tradutor dá a dica mais enfática: “estude feito uma doida”.

⁴ Em pesquisa feita em 2015 nos *sites* oficiais de universidades públicas (estaduais e federais) e particulares, observou-se, nas grades curriculares, que tais disciplinas são contempladas em cursos de graduação, além de também fazerem parte de determinados cursos de especialização.

Pode-se verificar, portanto, que grande parte das sugestões podem ser encontradas em atuais projetos pedagógicos de cursos de tradução. O que parece merecer destaque: a faculdade é um *grande* primeiro passo. Ao afirmar que não aprendemos muitas coisas durante nossa formação, deixa-se de lado o que aprendemos, isto é, o tradutor formado tem um conhecimento que muitos tradutores que estão no mercado não têm. Ele sabe, por exemplo, trabalhar com diferentes gêneros textuais e seus diversos registros e níveis de linguagem; refletir sobre as implicações éticas da tradução que está produzindo; responsabilizar-se pelo produto final; valorizar a profissão (o que E. mostra claramente quando recusa o ínfimo valor proposto para o trabalho), entre numerosos outros aspectos. Ao deixar de colocar a formação como um ponto bastante favorável e que dá para E. uma condição que muitos aspirantes a tradutor não possuem, o tradutor profissional acaba por minimizar a importância da formação que ela afirma ter. Mais do que isso: ao sugerir que vá aprender os *softwares*, deixa implícito que acredita que ela não saiba como usá-los (apesar de não haver nenhuma informação de que o problema da falta de trabalho seja falta de conhecimentos).

Ao fazer do tradutor profissional seu interlocutor, a iniciante busca não só o apoio, mas a confirmação de que suas escolhas estão certas. Nesse sentido, não mencionar o fato de ela ter recusado o trabalho também tem implicações na interpretação da resposta. Será que ela deveria ter “colocado o pé” para a porta não fechar? O não-dito muitas vezes importa tanto quanto o que é dito. As crenças e ideologias do tradutor profissional aparecem nos seus discursos (no caso, nos *posts*), que são também uma forma de atuar, de agir sobre o outro. É primordial reconhecer as condições de produção desses discursos: o contexto histórico-social, a imagem que o tradutor faz de si, do outro e do assunto de que está tratando, além de ser também essencial reconhecer que todo discurso é um lugar de luta pelo poder do sentido.

O argumento de que a formação é um pequeno passo entre outros, aparentemente muito mais importantes, volta na postagem feita em 19 de junho de 2015 no grupo Tradutores / Intérpretes, onde também aparece a necessidade de estar “por dentro” do que acontece no ciberespaço. A postagem vem de um tradutor bastante reconhecido e respeitado na área, com publicações muito conceituadas. Chama a atenção o teor da mensagem e o fato de ele tê-la publicado, de certa forma dando o aval de que, para ser tradutora, basta ter conhecimento das línguas envolvidas:

Uma amiga de meu filho mandou-me esta mensagem: "eu retornei recentemente ao Brasil e como sou apaixonada pelo inglês e tenho bons conhecimentos tanto do inglês quanto do português, achei que lidar com tradução poderia ser uma boa idéia. No entanto, não tenho nenhuma experiência formal nessa área e não sei muito bem por onde começar. Me inscrevi em diversos sites de freela online, mas não obtive sucesso ainda. Você teria alguma dica para iniciantes?" O e-mail dela é T...@gmail.com Se alguém puder dar alguma dica para ela, eu ficaria grato.

Fonte: www.facebook.com Tradutores / Intérpretes. Acesso em 02 jul. 2015

O fato de ele “assinar” a divulgação de tal pergunta já desencadeia uma série de outras perguntas e possibilidades de respostas – muitas não dadas, talvez por ele ser quem é no mercado profissional. Assim, não é de se espantar que a maior parte das respostas tenham sido lacônicas, por exemplo, a de K., também tradutora renomada:

“Aconselho a T. a entrar nos grupos de tradução todos e ler tudo que se escreve neles e nos blogs”. Vemos, novamente, o ciberespaço sendo indicado como o lugar por excelência para adquirir informações sobre o mercado. Não é comentado o fato de não ter formação ou de ser preciso muito mais do que conhecimento linguístico para ser tradutor (com exceção de uma resposta, que veremos a seguir). O que a maioria não disse? O que Pym (2009, p. 1, minha tradução) fala tão claramente:

Assim como todo mundo pode cantar, bem ou mal, todo mundo que conhece mais de uma língua pode traduzir, de alguma maneira. Contudo, nem todo mundo é pago para cantar ópera, e nem todos tradutores estão no auge da profissão. A diferença entre os vários níveis pode ser parcialmente decorrente da formação – nós formamos pessoas não só para traduzir, o que elas já conseguem fazer, mas para traduzir *bem* [...]

A postagem que coaduna com o que Pym aponta é de V. (que não é brasileira e provavelmente não conhece o tradutor que pediu ajuda para a amiga do filho):

Ser apaixonada por idiomas e ter bons conhecimentos não significa que um possa traduzir... procure estudar, se formar como tradutor /a e só depois disso traduzir. Eu falo espanhol (é minha língua materna) e português (é minha língua paterna) no entanto, quando decidi me formar como tradutora descobri que ainda tinha muitooooo por aprender de ambas as línguas... pensar que só porque sabemos uma outra língua podemos traduzir é igual pensar que isso tb nos habilita a dar aulas, etc..

A concepção de tradução como algo com o qual você possa “lidar” ou um “freela” é bastante rebatida nas comunidades de redes sociais e nos *blogs* de profissionais, entretanto, raramente vem acompanhada pela defesa de uma formação na área, como na resposta de V.S. Geralmente aponta-se a graduação como quase desnecessária⁵, mas, por outro lado, o conhecimento das línguas envolvidas também não é considerado suficiente para “qualificar” um tradutor. Observa-se, então, um certo paradoxo: embora haja críticas severas a pessoas que se apresentam querendo se tornar tradutoras porque são “fluentes” em uma determinada língua estrangeira (geralmente a língua hegemônica, o inglês), há, por outro lado, uma “defesa” daqueles que já conseguiram, de uma forma ou outra, um lugar ao sol no mercado, mesmo sem que tivessem formação na área. Nesse caso, o fato de o profissional já estar inserido no mercado parece, por si só, comprovar sua competência tradutória e garantir sua aceitação pelos pares. Vejamos um exemplo bem representativo (entre outros que podem ser encontrados no próprio T/I):

M. - June 2 at 5:25am - [FORMAÇÃO]

Boa noite, tradutores! Trabalho com um tipo de tradução muito específica – artigos científicos numa área determinada – ou seja, tradução técnica apenas. Faço isso há quatro anos, e comecei sendo revisor numa revista científica, que foi o que me levou à profissão. Confesso, com MUITA VERGONHA, que não tenho nenhuma formação em tradução, apesar de ler muitíssimo sobre, e hoje trabalho com isso simplesmente porque

⁵ Um exemplo disso é o *post* “ABC de como se tornar tradutor”, disponível em “Perguntas frequentes” no *blog* <www.tradutorprofissional.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2014.

meus trabalhos são aceitos em periódicos nacionais e internacionais, o que eu acabei estabelecendo como um parâmetro de “qualidade”. Porém, gostaria muito de obter algum tipo de certificação. A minha pergunta é: existe algum curso de tradução apenas técnica? Pois tenho inúmeras demandas por trabalho nessa área que já estou, e gostaria de formalizar o que faço, ter um respaldo, sem me envolver com tradução literária. Claro, também objetivo valorizar a profissão, pois, como disse antes, me sinto envergonhado de traduzir e não ser um verdadeiro tradutor. Muito grato!

M. é bastante enfático em relação ao que pensa da profissão, tanto que confessa, em caixa alta, seus sentimentos sobre não ter formação na área. Para ele, o “verdadeiro” tradutor passa por uma “certificação”, que ele conseguiria com estudos que “formalizassem” sua capacitação. Embora não diga explicitamente, M. sabe que não precisa de curso superior para ser tradutor, já que abraçou a profissão há quatro anos⁶.

Muitas pessoas responderam ao *post* de M. Várias afirmaram que tampouco tinham formação na área; algumas, inclusive, apontam a formação em outras áreas como positiva para um determinado “nicho” do mercado. Duas postagens são bem explícitas sobre o assunto:

D. Vergonha por não ter um diploma de tradução? Na era do Coursera, cursos à distância, bibliotecas virtuais, grupos de discussão? Você não acha que essa discussão é meio, sei lá, antiquada?

A. Eu acho muito melhor fazer um curso em uma área fora de tradução. Eu só fui fazer mestrado em tradução 13 anos depois de ter começado a traduzir profissionalmente.

A resposta de D. S. D. é bem representativa do que é defendido nas comunidades virtuais: há inúmeros cursos, eventos, grupos, *sites* e informações em geral disponíveis na ponta dos dedos. Por que, então, ter “diploma”? Mais ainda: não seria “antiquado” discutir esse assunto? A formação que o tradutor acredita ser necessária até para valorizar a profissão é vista como totalmente dispensável, algo que diz muito sobre o que “define” um tradutor, segundo o grupo.

A resposta de A. também representa uma quantidade significativa de profissionais que defendem que tradução deve ser estudada somente na pós-graduação. O argumento mais recorrente é que apenas depois de formado (em qualquer área) o tradutor terá maturidade para se dedicar ao estudo da tradução. Não se explicita, no entanto, que a pós-graduação da qual muitos falam é apenas um aprofundamento de muitos assuntos abordados na graduação na área, especialmente no caso de mestrados europeus, com duração de um ano e, no Brasil, de especializações em faculdades particulares.

⁶ Com exceção dos cargos de tradutor público e intérprete comercial (julgo tradutor juramentado) e do tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais (LIBRAS), regulamentados, respectivamente, pelo decreto 13.609, de 21/10/1943 e pela lei 12.319, de 01/09/2010, as demais áreas podem ser exercidas por pessoas sem formação superior alguma, já que profissão não é regulamentada. Em ambos exemplos citados, não é exigida graduação ou pós-graduação do tradutor, mas aprovação em concurso público, no primeiro caso, e formação de nível médio e exame nacional de proficiência, no segundo.

Fontes: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm> e
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D13609.htm>

Embora haja um acolhimento inerente ao funcionamento do grupo (qualquer membro pode fazer e responder as postagens), pode-se notar uma certa “impaciência”, talvez uma pequena hostilidade, à questão colocada por M.L., como se fosse muito claro para todos que formação é, de certa maneira, prescindível.

Não fica explicitada a “definição” de curso de graduação de cada participante. O único que diz o que não quer é o próprio M.: se envolver com tradução literária. E, novamente, vemos ideias preconcebidas de que os cursos de graduação são direcionados para um tipo de tradução – a literária – em detrimento dos outros gêneros textuais, o que pode ser desmistificado com uma pesquisa rápida nos *sites* das boas faculdades de tradução, nas quais há prática de tradução de textos jurídicos, científicos, jornalísticos, publicitários, entre outros, e onde os produtos e processos tradutórios levam em conta não só os mercados, mas questões político-ideológicas indissociáveis da recepção do texto traduzido.

O que parece predominar, nas postagens em *blogs* e comunidades da área, é uma subestimação da formação acadêmica na área e uma superestimação do conhecimento prático, ou da prática profissionalizante. Embora pareça ser desconhecido dos tradutores, nos cursos também se ensina que “o processo de tradução, em todas as suas fases, é um processo de negociação. Negociam-se sentidos, éticas, visões, efeitos, preços, prazos e modos de trabalho. Quanto mais o tradutor estiver ciente dessa negociação, mais capacitado estará para atuar nela” (ESTEVES, 2005, p.343). Os bons tradutores profissionais sabem disso, os profissionais que constituem os bons cursos de graduação também.

Do meu lugar de professora de tradução, leio, em muitas trocas de mensagens, uma possibilidade de discussão de questões teóricas importantes, embora não sejam assim “denominadas”. Como foi mencionado anteriormente, toda tradução é feita com base em uma concepção do que é traduzir e do papel que cabe ao tradutor. Talvez haja, na academia, menos explicitação do entrelaçamento entre teoria e prática do que o desejado, porém, certamente são inseparáveis.

O ciberespaço possibilita que pessoas de diferentes filiações institucionais e diferentes pontos geográficos troquem experiências e cooperem entre si, tanto no que diz respeito a questões práticas (dúvidas linguísticas, sugestão de *softwares*, entre outras) quanto no que se refere à visibilidade da profissão. Muitas vezes as opiniões manifestadas são reflexos da experiência particular de cada tradutor, que, apesar de válidas, não correspondem àquilo que ocorre, hoje, nos espaços acadêmicos. Neste sentido, seria interessante um diálogo maior entre os tradutores e formadores de tradutores, pois todos, grupos profissionais e a academia, só teríamos a ganhar com a boa convivência e a união de esforços.

Conclusões preliminares

Em um cenário no qual as exigências do mercado são cada vez maiores, parece-nos primordial discutir a formação de tradutores, considerando a fundamentação teórica e a conscientização de seu papel de produtor de significados. Por outro lado, não se pode esquecer ou negligenciar, nessa formação, as especificidades de um mercado de trabalho cada vez mais amplo e exigente. Assim, espera-se, com este artigo, retomar a antiga discussão sobre a indissociabilidade entre a reflexão teórica e a prática tradutória,

desta vez abordando especialmente o caso dos tradutores blogueiros e ativos em redes sociais, que expõem sistematicamente aquilo que pensam da tradução e de demais aspectos envolvidos no processo tradutório. Conforme foi constatado, apesar de haver uma fragmentação característica da comunicação digital, pode-se notar que as opiniões dispersas acabam por se “unir” em um objetivo comum: a valorização do tradutor.

Embora haja algum “descaso” em relação à formação acadêmica, há pontos em comum com o que se busca na formação de tradutores: maior visibilidade, defesa da responsabilidade diante do texto traduzido e da ética profissional. O reconhecimento da complexidade da profissão e da necessidade de aprimoramento constante mostra, subliminarmente, que traduzir não é transferir significados, como tradicionalmente se defendia, nem somente ter competência linguística (como uma das postagens deixou bem claro). Recorremos a Siscar (2013, p. 186), em “Jacques Derrida: literatura, política e tradução”, para colocar tal reflexão de forma mais “acadêmica”:

Entendo por *traduzir* não exatamente a transferência, mas a mediação, a transação que coloca em contato dois efeitos de alteridade. Traduzir deveria dizer menos a transformação regulada do que a negociação inquieta com aquilo que não se traduz. Traduzir, nesse sentido, supõe uma prática teórica que leve em consideração a necessária estranheza do outro e a impossível naturalidade do mesmo, a convivência entre duas problemáticas, nomeadas pelas idealidades da língua estrangeira e da língua materna.

A proposta, aqui, é estender a ideia de “dois efeitos de alteridade” e de “negociação inquieta” para o que ocorre entre a academia e esse novo espaço de cooperação e troca. Considerar as “afinidades de interesses, de conhecimentos, de projetos mútuos”, como defende Lévy, para pensar os entrelaçamentos da tradução – formação, profissão, teoria, prática. Levando em conta a noção de hospitalidade derridiana, sugere-se a abertura à alteridade, com tudo o que ela representa (principalmente um convite ao outro e o acolhimento do diferente).

A hospitalidade é um conceito tratado por Derrida de várias formas, inclusive relacionada à tradução (em *Fidelité à plus d'un*, 1998), quando usa a palavra hospitaleira ao se referir à tradução inglesa do conto de Camus (*Le hôte*)⁷. Ela envolve tanto o distanciamento quanto a proximidade do outro, sua possível hostilidade e seu recomendável acolhimento. Não há tradução que não seja ao mesmo tempo hospitaleira e hostil ao texto de origem, pois esses dois pólos são indissociáveis, daí a criação do termo *hostipitalité* (hostipitalidade), usado por Derrida em outro contexto.

Neste sentido, ao “ler” as postagens dos *blogs* e dos grupos, não sou apenas a hóspede (convidada), que aceita um convite inerente, já que os textos são “públicos”, mas também sou anfitriã, quando trago para mim os textos e leio de forma nem sempre hospitaleira, às vezes até hostil. Leio, por exemplo, nas entrelinhas, a necessidade de alguns tradutores de mostrarem que “sabem” o que dizem (às vezes menos do que deveriam, antes de dizê-lo), fazendo-o com tanta veemência que acabam por apresentar argumentos inócuos (como achar que procurar uma faculdade é “antiquado”). Leio uma

⁷ O termo *hôte* em francês não se refere apenas ao que é recebido, mas também ao que recebe, ao anfitrião. A possibilidade de produção de sentidos é bem maior do que a do *hóspede* em português ou do *host* em inglês, que designa o anfitrião mas que também, na acepção que nos interessa aqui, se relaciona etimologicamente com o prefixo latino *host-* (o estrangeiro, hóspede ou inimigo público), que forma *hostilis*, ou hostil.

depreciação dos cursos de graduação, contrastando com um reconhecimento excessivo de cursos livres e de informações conseguidas no meio digital.

Ao afirmar que os dois grupos aqui apresentados (TP e T/I) poderiam ter uma visão menos preconceituosa (ou talvez “datada”) dos cursos acadêmicos de formação de tradutores, ou que poderiam valorizar mais os iniciantes que estudaram quatro anos para se tornarem tradutores, esperamos que seja considerada uma outra leitura do que ocorre atualmente na academia. Do mesmo modo, pretendemos tornar o trabalho acadêmico mais visível, de forma a possibilitar aos participantes de comunidades virtuais o conhecimento do outro lado, daqueles que defendem que a formação na área faz toda diferença na vida profissional do tradutor.

A interação nos grupos (no caso, TP e T/I) não deixa de ser extremamente profícua e de promover a hospitalidade ao outro, como uma necessidade de aceitação da alteridade e como respeito à diferença. Estar aberto à interconexão significa estar preparado para receber o outro sempre, uma vez que a hospitalidade implica a aceitação do outro mesmo que não o tenhamos convidado. Dessa maneira, a partir do momento que aceitamos o ponto de vista do outro ou oferecemos o nosso, temos um gesto de hospitalidade: convidamos o outro para opinar sobre aquilo que defendemos. Fica, então, o convite para que muitas discussões e grandes parcerias entre academia e outros lugares de saber sobre tradução possam ocorrer.

Em última instância, por meio do que se publica e se discute na cibercultura é possível questionar a necessidade ou não de uma postura diferente na academia, quer em relação a “incorporar” à reflexão acadêmica aspectos considerados importantes no mercado que ainda não são contemplados, quer para abordar as concepções teóricas de uma maneira mais condizente com a cultura digital na qual estamos inescapavelmente inseridos.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, R. *Tradução, desconstrução, psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 210 p.
- AUBERT, F. Introdução. In: BENEDETTI, I.; SOBRAL, A. (orgs.). *Conversa com tradutores*. São Paulo: Parábola, 2003. p. 7-16
- BARBOSA, H. G. Entrevista. In: BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (orgs.). *Conversa com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola, 2003. p. 55-71.
- BERMAN, A. *A prova do estrangeiro*. Tradução de Maria Emília Chanut. Bauru: Sagrado Coração, 2002. 350 p.
- DARIN, L. O ensino da teoria da tradução para graduandos: um campo aberto à pesquisa. *Tradução & Comunicação*, n.27, p. 9-20, 2013. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/7871>>. Acesso em: 27 jun. 2015.
- DERRIDA, J. *De l'esprit*. Heidegger et la question. Paris: Galilée, 1987. 184 p.
- _____. *De l'hospitalité*. Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre. Paris: Calmann Lévy, 1997. 13 5p.

_____. Fidélité à plus d'un. Mériter d'hériter où la généalogie fait défaut. *Rencontre de Rabat avec Jacques Derrida*. Idiomes, nationalités, déconstructions. Belvédère, Casablanca: Editions Toubkal, p. 221-265, 1998.

_____. O que é uma tradução relevante? Tradução de Olívia Niemeyer Santos. *Alfa*. Revista de Linguística. São Paulo: UNESP, v.44 (n.esp.), p.13-44, 2000.

ESTEVES, L. Algumas reflexões sobre a ética na tradução. *Estudos Linguísticos*, XXXIV, p. 340-344, 2005. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/algumas-reflexoes-618.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

GONÇALVES, J. L.; MACHADO, I. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. In: PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. (orgs). *Cadernos de Tradução*. Formação de tradutores e pesquisadores em estudos da tradução. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, v.1, n.17, p. 45-69, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/440>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p.

LIMA, É. O que os blogs de tradutores têm a dizer sobre a tradução? *Tradução & Comunicação*. Revista Brasileira de Tradutores. n. 23, p. 79-92, 2011. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/3719>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

MARTINS, M. A. P. Novos desafios na formação de tradutores. In: PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. (orgs). *Cadernos de Tradução*. Formação de tradutores e pesquisadores em estudos da tradução. Santa Catarina: UFSC, v. 1, n. 17, p. 25-44, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/440>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

PYM, A. Translator training. Pre-print text written for the Oxford Companion to Translation Studies, 2009. Disponível em: <http://usuaris.tinet.cat/apym/online/training/2009_translator_training.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2015.

RODRIGUES, C. C. Desafios ao ensino da tradução. *Abehache*, ano 2, n. 3, 2º semestre 2012. Disponível em: <http://www.hispanistas.org.br/abh/images/stories/revista/Abehache_n3/13-24.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2014.

SISCAR, M. *Jacques Derrida: literatura, política e tradução*. Campinas: Autores Associados, 2013. 224 p.

Recebido em: 09/10/2015

Aprovado em: 01/06/2016